

# REFLEXOS E REFRAÇÕES DA ALTERIDADE NA LITERATURA BRASILEIRA TRADUZIDA (1) – AS VERSÕES DE SAGARANA PARA O FRANCÊS E PARA O NORUEGUÊS

*Francis Henrik Aubert/ Adriana Zavaglia\**

**RESUMO:** Este trabalho constitui um produto inicial de um projeto mais abrangente. As fortunas da literatura brasileira traduzida podem ser vistas como correlacionadas – ainda que não exclusivamente condicionadas – às opções tradutórias feitas, conforme constatadas por uma comparação *pari passu* entre os textos fonte e alvo, à luz dos procedimentos de tradução utilizados. De especial interesse é o tratamento dado aos marcadores lingüísticos da especificidade cultural. Aqui, apresentam-se os resultados preliminares de uma dessas comparações – com base nas traduções francesa e norueguesa de contos extraídos de *Sagarana*, de Guimarães Rosa – e delinham-se as próximas etapas a serem percorridas no âmbito do projeto.

**UNITERMOS:** literatura brasileira; procedimentos de tradução.

**ABSTRACT:** *This paper stands as an initial product of a more far-reaching project. The fortunes of translated Brazilian literature can be seen as related to – even though not exclusively conditioned by – the translational options made, as verified in a step by step comparison between source and target texts, in the light of the translation procedures applied. Of special interest is the treatment given to the linguistic markers of cultural specificity. Here, the preliminary results of one such comparison – as seen in the translations into French and into Norwegian – of short stories from Guimarães Rosa's Sagarana, are presented, and further paths to be explored within the framework of this project are sketched.*

**KEYWORDS:** *Brazilian literature; translation procedures.*

---

\* Universidade de São Paulo.

## Introdução

Acerca dos múltiplos desafios que se colocam para uma literatura – e, por extensão, uma cultura – periférica como é a brasileira, parece relevante indagar de que modo esta literatura se presentifica e se atualiza em diversas outras línguas/culturas de recepção, quando intermediada pela operação tradutória. Com efeito, para além das questões mais genéricas, relevantes para a apreciação dos processos e dos produtos do ato tradutório – e independentemente de quais sejam as tipologias textuais e quaisquer os pares de complexos língua/cultura envolvidos –, a situação de uma literatura e de uma cultura periféricas para as quais se busque uma inserção na teia da interação cultural mais universal reveste-se de determinadas especificidades que cumpre investigar.

Na relação contrária, ou seja, no processo de tradução de um espaço cultural dominante para um espaço cultural dependente, as culturas centrais são, *ipso facto* (em particular nas suas exteriorizações lingüísticas) algo transparentes para as culturas periféricas, principalmente se estas são – ou são tidas como sendo – derivadas de uma ou mais culturas centrais, como é o caso das latino-americanas: a especificidade cultural do espaço hegemônico de origem tende a não ser percebida como alteridade, mas como modelo ou como universalidade. Já as culturas dependentes são, também *ipso facto*, percebidas como algo exóticas, o que enseja uma situação paradoxal: de um lado, tornam-se interessantes exatamente por aquilo que supostamente têm de exótico; de outro, não raro esse mesmo exotismo parece gerar um certo desconforto. Assim é que a tradução literária de uma cultura periférica para uma cultura hegemônica tenderá, na trilha do que sugere Venuti (1995), a assumir uma linha ‘domesticadora’, assimilativa, de apagamento parcial das marcas da alteridade. Inversamente, as literaturas hegemônicas traduzidas pretenderão à transparência e imporão seus valores culturais e estéticos como evidentes e satisfatórios, posto que modelares para todo o espaço cultural de recepção. Finalmente, as literaturas periféricas que nos chegam já intermediadas pelas culturas hegemônicas tenderão a perder sua especificidade cultural e estética, tendo já sido ‘domesticadas’ pela referida intermediação. Poderão concorrer ao panteão do cânon da literatura universal; mas, terão deixado pelo caminho alguns, talvez muitos, de seus valores específicos. Terão sua leitura e sua

interpretação facilitadas. Representarão, muito possivelmente, um enriquecimento literário e estético da cultura de recepção, constituindo-se em nova obra (como a *Bíblia*, na versão King James, ou as *Mil e Uma Noites*, na tradução de Sir Richard Burton), fontes primárias para novas traduções, adaptações e reescritas derivadas. Correm o risco, no entanto, de terem embaciada a riqueza inerente à sua alteridade.

Antes de prosseguir, é bom que se diga que as coisas não foram sempre assim e, portanto, não são necessária ou intrinsecamente assim. As traduções literárias produzidas no Brasil até os anos 20 ou 30 do século XX tendiam, elas também, a propor (programaticamente ou não) uma apropriação da cultura estrangeira, promovendo uma 'antropofagia' cultural, como exemplificado em algumas das traduções de literatura infanto-juvenil promovidas por Monteiro Lobato, a despeito de sua declarada oposição ao movimento modernista<sup>1</sup>. A partir de meados do século passado, ou mesmo um pouco antes, observa-se, porém, nas traduções literárias brasileiras, uma crescente tendência a uma conformidade mais estrita com o original, com o relativo abandono da postura assimilativa ou antropofágica, enquanto, no sentido inverso, e especialmente na tradução para os domínios da cultura anglo-saxônica, a hipótese de Venuti vem-se confirmando<sup>2</sup>.

---

<sup>1</sup> Possivelmente tenha contribuído para a postura de relativa "liberdade" em relação aos originais observáveis na época, pelo menos no que tange à tradução da literatura anglófona, o fato de que muitas das traduções brasileiras desta literatura eram realizadas a partir de traduções francesas, os chamados textos intermediários. Oscar Wilde, por exemplo, um dos autores mais traduzidos em terras tupis do final do século XIX até os anos 20 do século passado, teve alguns de seus textos traduzidos por Elísio de Carvalho e João do Rio. Apesar de estar presente nas contracapas dos volumes um "traduzido do original inglês", estudos comparativos desses textos mostraram que, na realidade, as traduções brasileiras haviam sido realizadas a partir do francês (Cf. Faria, 1988); o que demonstra, por um lado, a grande influência da cultura francesa sobre o Brasil daqueles tempos e, por outro, a enorme distância que separava as línguas e as culturas brasileira e anglo-saxônica.

<sup>2</sup> Gehring (1996) demonstra, estatisticamente, a realidade destas tendências, sobre dois corpúsculos de ciências humanas, um de traduções do inglês para o português e outro de traduções do português para

A esse respeito, cumpre observar que a distinção hegemônica/não-hegemônica (ou central/periférico, dominante/dominado) é de fundamental importância para a apreensão do sentido de determinadas opções tradutórias, sentidos esses que não são inerentes à opção em si. Aplicada no espaço de recepção de uma cultura dominante, a tradução assimilativa torna-se domesticadora. Utilizada no espaço de recepção de uma cultura periférica, a tradução assimilativa nada tem de domesticadora; antes, é radical e revolucionária, é efetivamente antropofágica, no estrito sentido oswaldiano do termo.

Diante do que precede, é de se esperar que, quando, porventura, a tradução literária se faz diretamente entre duas culturas não-hegemônicas (ou que, na interação estabelecida na operação tradutória, não se conformam a um modelo de dominação), as variáveis de dominância, impondo ou induzindo comportamentos tradutórios específicos, assimilativos ou estrangeirizadores, tenderiam a permanecer neutras. Tal neutralidade, por hipótese, deve conferir ao tradutor uma maior liberdade de tratamento do material, facultando uma expressão menos velada das marcas do tradutor e de sua (co)-autoria<sup>3</sup>. No plano lingüístico, a confirmar-se tal hipótese, é de se esperar a ocorrência de desvios significativos em relação à tendência estatística determinada pelas imposições estruturais (tipologias lingüísticas e textuais) e pelos efeitos da relação de hegemonia<sup>4</sup>.

Admitida a relevância das ponderações que precedem, pode-se conceber como relevante buscar, na literatura brasileira traduzida, indícios que confirmem ou infirmem as hipóteses levantadas e, de modo geral, proceder a um mapeamento, a caracterizar-lhe a fortuna lingüística e cultural em diversos espaços de recepção<sup>5</sup>.

---

o inglês. Neste segundo, constata-se uma incidência significativamente mais elevada dos procedimentos técnicos que Vinay e Darbelnet denominam modulação, equivalência e adaptação, indicando, claramente, uma tradução menos presa ao texto original.

<sup>3</sup> As considerações acima constituem uma reescrita de Aubert, 2000.

<sup>4</sup> Vide adiante, em especial o 2º parágrafo do item *Caracterização das proximidades e distâncias lingüísticas*.

<sup>5</sup> À evidência, também seria relevante empreender uma investigação da fortuna crítica literária *an sich*. Tal investida, porém, exigirá uma

Para a consecução do presente estudo, foram escolhidos dois espaços língua/cultura de recepção: a Noruega (relação mutuamente não-hegemônica) e a França (em que se presumiria uma nítida relação de hegemonia na recepção).

### **Ferramentas de análise**

Em uma abordagem lingüística, diversos instrumentos de análise se oferecem. Um desses instrumentos, já amplamente testado, é constituído pelas modalidades (ou procedimentos técnicos) da tradução, tal como consolidados em Aubert (1998), com base em uma proposta original de Vinay & Darbelnet (1958)<sup>6</sup>, que facultam uma mensuração das proximidades e distâncias lingüísticas (em seus aspectos gráficos, morfossintáticos, sintáticos e semânticos), em uma escala que se estende da mera transcrição até a adaptação, e permitem buscar correlações entre a distribuição observada e (a) a tipologia lingüística, (b) a tipologia textual e (c) as condições de produção da tradução (incluindo as variáveis espaciais, diacrônicas, idioleto de tradutor, injunções editoriais, entre várias outras).

Esta não é uma abordagem propriamente inédita. Estudos anteriores na linha das modalidades de tradução analisaram traduções de textos originais brasileiros (literários ou não), em especial para o inglês e, em menor escala, para o francês e para o castelhano (vide, principalmente: Fregonezi, 1984; Silva, 1992; Camargo, 1996; Gehring, 1996; e Correa, 1998.). Fundamentais para a consolidação metodológica e para a constituição de parâmetros iniciais de comparação, estes estudos têm, no presente trabalho, um prosseguimento e aprofundamento de uma de suas vertentes específicas, centrada nos marcadores culturais.

A análise do cópuz com base nos procedimentos técnicos adotados pelos tradutores reparte-se em dois momentos. Em um primeiro, analisam-se seqüências textuais, colhidas por amostragem aleatória, com vistas a determinar, nas respectivas línguas-alvo, a distribuição básica dos procedimentos. Depreende-se,

---

abordagem distinta daquela adotada neste trabalho, e constituirá objeto de outro projeto de pesquisa.

<sup>6</sup> Vide, também, os demais textos deste volume.

desta análise, uma hierarquia de procedimentos e sua correlação com a tipologia lingüística e com a tipologia textual. Neste plano, portanto, a observação da possível influência dos marcadores culturais será apenas indireta, obtendo-se, primordialmente, uma espécie de “pano-de-fundo” para a segunda etapa da análise.

No segundo momento, os termos percebidos como culturalmente marcados – ou seja, que tenham por referência a cultura material, social ou ideológica (Nida, 1945), tida como específica da língua-cultura fonte – são identificados e rastreados longitudinalmente, na totalidade do texto de partida, buscando-se, *pari passu*, identificar as soluções encontradas pelo tradutor ao longo do texto traduzido. Esta etapa permite uma análise qualitativo-quantitativa, sempre na perspectiva dos procedimentos tradutórios adotados (vide Aubert, 2003). Este desdobramento constituirá objeto de um próximo trabalho.

### **Caracterização das proximidades e distâncias lingüísticas – primeiros resultados**

Uma amostra de trechos corridos extraída, por procedimento de seleção aleatória, de quatro contos<sup>7</sup> da coletânea *Sagarana*, de Guimarães Rosa, totalizando uma extensão de 2.000 unidades lexicais<sup>8</sup>, foi confrontada com os trechos correspondentes nas traduções francesa<sup>9</sup> e norueguesa<sup>10</sup>.

<sup>7</sup> Esses contos são: *A Hora e Vez de Augusto Matraga*, *Duelo*, *O Burrinho Pedrês* e *A Volta do Marido Pródigo*.

<sup>8</sup> O padrão usual é de 800 unidades lexicais por variável. Em vista das peculiaridades do texto e do autor, porém, bem como dos desafios tradutórios específicos envolvidos (marcas culturais, sobrepostas a marcas literárias, e a flutuação destas marcas de um conto a outro), optou-se por uma amostragem mais alentada, de modo a reduzir a margem de risco para a representatividade.

<sup>9</sup> *Sagarana*. Trad. de Jacques Thiériot. Paris, Albin Michel, 1997. (Les Grandes Traductions Albin Michel – com o apoio do Centre National du Livre)

<sup>10</sup> *Sagarana – Noveller*. Trad. de Bård Kranstad. Oslo, Gyldendal, 1998. A edição norueguesa contou com apoio do MinC/Fundação Biblioteca Nacional.

Em termos da correlação entre a distribuição das modalidades e as tipologias lingüísticas envolvidas, e tendo por pano-de-fundo o acervo de resultados obtidos em investigações anteriores (vide referências bibliográficas), tinha-se por expectativa observar: (1) uma literalidade maior em francês do que em norueguês<sup>11</sup>; (2) uma freqüência mais elevada de tradução literal na tradução francesa e uma freqüência mais elevada de transposição da tradução norueguesa; (3) no que tange à modulação, em ambas as amostras, uma freqüência superior a 15%, representando a modalidade com a terceira maior freqüência, com base na constatação, em pesquisas anteriores, de que tende a haver uma certa correlação entre a tipologia de texto literário e um incremento no uso de modulações; (4) ocorrências menos freqüentes mas não meramente esporádicas de empréstimo, de adaptação e de explicitação, como estratégias tradutórias preferenciais para lidar com os marcadores de especificidade cultural; (5) possibilidade de ocorrência de omissões e implícitações, ainda que em valores baixos, como indicativos de estratégias de "evitação" de dificuldades tradutórias, quer de natureza referencial (marcas culturais), quer intralingüística (função poética); (6) ocorrências ocasionais e estatisticamente irrelevantes das demais modalidades (omissão, transcrição, decalque e erro).

Empreendida a análise, constatou-se a seguinte distribuição:

**Tabela 1.** Distribuição das modalidades de tradução nas traduções norueguesa e francesa de *Sagarana*

Modalidades		Norueguês		Francês		TOTAL	
		N	%	N	%	N	%
0	Omissão	13	0,65	7	0,35	20	0,5
1	Transcrição	2	0,1	2	0,1	4	0,1
2	Empréstimo	65	3,25	53	2,65	118	2,95
3	Decalque	1	0,05	7	0,35	8	0,2
4	Trad. Literal	583	29,15	1003	50,15	1586	39,65
5	Transposição	639	31,95	427	21,35	1066	26,65
6a	Explicitação	20	1,0	9	0,45	29	0,72
6b	Implícitação	29	1,45	8	0,40	37	0,92
7	Modulação	566	28,3	453	22,65	1019	25,5
8	Adaptação	72	3,6	28	1,4	100	2,5
9	Erro	10	0,5	3	0,15	13	0,30
TOTAL		2000	100	2000	100	4000	100,0

<sup>11</sup> O índice geral de literalidade é indicado pela soma das participações relativas das modalidades 1 a 5, inclusive.

Os dados coligidos confirmam a primeira expectativa. O índice de literalidade é elevado em ambas as traduções, mas a tradução francesa apresenta um total próximo a 3/4 (mais precisamente, 74,6%) de ocorrências de modalidades próximas à literalidade (formal e/ou semântica), ao passo que, na tradução norueguesa, este índice cai para pouco menos de 2/3 (64,5%). Na tradução francesa, a tradução literal corresponde à metade do total de ocorrências; já na tradução norueguesa, a ocorrência de tradução literal é de 29,15%, havendo uma incidência algo maior de transposições (praticamente, 32%) o que confirma a segunda expectativa.

Em ambos os casos, o Teste de Pearson ( $\chi^2$ ) comprova tratar-se de diferença estatisticamente significativa. O francês, tanto quanto o norueguês, apresenta em sua morfossintaxe algumas diferenças claras em relação ao português brasileiro, em particular a conjugação verbal, o partitivo (no caso do francês), a formatação do negativo, e a virtual inoperância da forma perifrástica com gerúndio para exprimir o aspecto progressivo. No entanto, a estrutura padrão do sintagma nominal aproxima o português brasileiro do francês, e distancia-o do norueguês (principalmente, devido à inversão da posição não-marcada dos qualificadores, a marcação morfológica de definido/indefinido como sufixo e não como artigo anteposto ao nome). Constata-se, pois, uma clara correlação entre a tipologia lingüística e o índice geral de literalidade em ambas as amostras.

O número de ocorrências de modulação é significativo, em ambas as línguas-alvo (na média, correspondendo a cerca de 1/4 do total). A modulação é um deslocamento estrutural que pode manifestar uma mudança de ponto de vista com alterações semânticas – mudança de registro, por exemplo – ou que pode apresentar uma relação estrutural bem distinta entre as duas línguas, acarretando um semantismo diferenciado de maneira sutil. Considere-se, por exemplo:

Língua-fonte	Línguas-alvo	
	francês	norueguês
<i>nem pensar</i>	<i>c'était inimaginable</i>	<i>Hun orket ikke engang tenke på det</i>
<i>fazendas escritas por paga</i>	<i>les fazendas hypothéquées</i>	<i>fazendaene pantsatt</i>
<i>está na hora do almoço</i>	<i>c'est l'heure du casse-croûte</i>	<i>det er midt på dagen</i>



Ao contrário do índice geral de literalidade, porém, a ocorrência de modulações não se deve, porém, apenas à existência de diferenças na tipologia lingüística (idiomatismos). Estudos anteriores sugerem, com efeito, que é de se esperar uma presença mais elevada de modulações na tradução de textos literários. Assim, Zanotto (1993), analisando traduções do inglês para o português brasileiro, constata uma incidência de 14,7% de modulações na tradução de textos corporativos, contra 19,3% no caso de textos literários, o que também é consistente com os achados de Silva (1992), em sua análise das traduções do conto de Rubem Fonseca *O Cobrador* para o inglês e para o castelhano (22,4% e 16,6%, respectivamente), e com o estudo de Camargo (1996), novamente na direção tradutória inglês→português, em que os textos literários apresentam, em média, 25% de modulações, contra 16% no caso de textos jornalísticos, 17,4% no caso de textos técnicos, e 19,3% no caso de textos corporativos. Observa-se, no entanto, que, assim como para o índice geral de literalidade, também na modulação a diferença de distribuição entre a tradução francesa e a tradução norueguesa é estatisticamente significativa. O padrão de ocorrência de modulações constituiu-se, portanto, simultaneamente em marca de tipologia lingüística e em marca caracterizadora da tradução literária.

Cabe, ainda, uma observação suplementar. Na amostragem, a tradução para o francês dos contos de *Sagarana* apresenta um índice de ocorrências de modulação praticamente igual ao de transposições, o que poderia indicar, por parte do tradutor, um esforço deliberado de reforçar as marcas tipológicas de tradução literária. À primeira vista, trata-se de uma circunstância algo surpreendente, uma vez que a expectativa – salvo no caso de uma tradução deliberadamente transcriadora, o que a avaliação qualitativa não sugere para o caso em tela – seria a de uma predominância da correlação lingüística sobre a correlação textual; dito de outro modo, de uma hierarquia das modalidades, na tradução do português para o francês, em que a modulação ocorreria como a terceira modalidade mais freqüente, em faixa de freqüência nitidamente distinta da transposição.

A realidade, no entanto, é mais complexa. A Tabela 1, acima, apresenta uma síntese simplificadora dos resultados, incluindo as ocorrências híbridas (ocorrência simultânea de duas

ou mais modalidades de tradução) em uma única categoria (por convenção, sempre na modalidade mais distante do “ponto neutro” – transcrição). Recuperando-se os casos de hibridismo, porém, observa-se:

**Tabela 2.** Distribuição das ocorrências de transposição, de modulação e de transposição co-ocorrendo com modulação nas traduções norueguesa e francesa de *Sagarana*

Modalidades		Norueguês		Francês		TOTAL	
		N	%	N	%	N	%
5	transposição	623	31,15	424	21,2	1047	26,18
7	modulação	462	23,1	292	14,6	754	18,85
5+	transposição	112	5,6	159	7,95	271	6,78
7	modulação						
outras modalidades		803	40,15	1125	56,25	1928	48,19
TOTAL		2000	100,0	2000	100,0	4000	100,0

Verifica-se que, em especial no caso do francês, mas, em medida não desprezível, também no norueguês, há uma incidência relativamente elevada da co-ocorrência de transposição e modulação que, considerada isoladamente, configura-se como a quarta modalidade mais freqüente. Computando-se cada ocorrência de modalidade híbrida como duas ocorrências para efeitos do cálculo percentual, e re-allocando-se cada ocorrência simultânea a suas respectivas modalidades simples, obtêm-se, no caso na tradução francesa, um total de 583 transposições (26,87%) e de 451 modulações (20,78%). Os valores correspondentes para a tradução norueguesa são de 735 transposições (34,03%) e de 574 modulações (26,57%). Verifica-se, assim, a despeito das aparências em contrário, a conformidade com a ordem decrescente esperada nas respectivas línguas-alvo, o que não invalida a constatação de uma marca particularmente forte da tipologia da tradução literária fazendo-se presente no cópuz em análise. Como se verá adiante, é também possível que, nessas traduções de contos de *Sagarana*, a modulação tenha desempenhado, ao menos em parte, o papel que se esperaria da adaptação.

A despeito da distância cultural presumida, a incidência de explicitação revela-se bastante baixa, embora (como seria lícito esperar) mais freqüente na tradução norueguesa do que na

francesa. Nesta última, o número de ocorrências de explicitações (9 ocorrências, ou 0,45%), incluídos os casos híbridos, é praticamente igual ao de implícitações (8 ocorrências, ou 0,40%). Já na versão norueguesa, as implícitações superam, em perto de 50%, as explicitações, sugerindo, nestes casos, uma busca de soluções tradutórias que contornem eventuais problemas referenciais ou de visão-de-mundo. No limite, poderia refletir uma estratégia de “evitação”, na mesma linha observável em várias ocorrências de modulação (neste caso mediante o emprego de recursos metonímicos, de substituição do genérico pelo específico, e similares). Mais comumente, porém, ocorrem vinculadas a segmentos percebidos como redundantes, como em:

*E o povo comia **feijão** preto, em vez de **feijão** mulatinho*  
 (fr) *Et les gens mangeaient des **haricots** noirs, au lieu de*  
*|bruns*  
 (no) *Her spiste de svarte **bønner**, istedenfor de brune*

Nas traduções de textos que expressamente localizam sua narrativa em tempos e espaços muito específicos e culturalmente marcados, há também uma expectativa de uma incidência relativamente mais significativa das modalidades empréstimo e adaptação, eventualmente associadas à explicitação, esta sob forma de paráfrases e apostos explicativos. A análise qualitativa revela, porém, algumas especificidades limitadoras dos procedimentos. Os empréstimos registrados (em média, 3% do total de ocorrências) são, em larga medida, reproduções de nomes próprios (antropônimos e topônimos), embora reiterem-se, em ambas as traduções, alguns poucos empréstimos — *mil-réis*, *fazenda*, *sertão*, *saudade*, *cachaça*, com ou sem adequação à morfologia da língua-alvo – como termos efetivamente vinculados ao universo da cultura brasileira e para os quais uma adaptação provocaria deslocamentos espaciais e temporais talvez inverossímeis.

Diante do tratamento observado no caso do empréstimo, a frequência total de adaptação é surpreendentemente baixa, inferior a 4% no caso da tradução para o norueguês e de apenas 2,5% na tradução para o francês. Em textos de marcado cunho regionalista, esperar-se-ia que o número de termos ancorados em uma realidade cultural singular fosse elevado; porém, a bai-

xa ocorrência dessa modalidade na tradução de *Sagarana* indica a preferência dos tradutores por outras estratégias, seja a explicitação curta ou, mais comumente, a modulação, gerando uma aproximação sutil entre as duas línguas/culturas através de recortes semânticos com larga intersecção de sentido. Além disso, é de se notar que algumas ocorrências de adaptação não se propõem claramente como processos de aculturação (assimilação) de marcadores culturais distintos, podendo ocorrer como apenas mais uma opção de refração do tradutor (algo como uma modulação mais “exacerbada”), como no seguinte trecho do conto *Duelo* (na tradução norueguesa):

Turibio Todo, ... **palavra por palavra**: papudo, vagabundo, vingativo e mau

traduzido para o norueguês como

*Turibio Todo ... **Kort sagt**: Han hadde struma og var lat, hevngjerrig og ful*

ou, retrovertendo: “... **em suma**: ...”

Ou, ainda, no mesmo conto:

*muito homem para lhe **acertar** um balaço na testa*

reproduzido, na tradução norueguesa, como

*mann for å **sende Turibio Todo i bakken med** en kule midt mellom øynene*

em que a imagem de **acertar** vem substituída por “... **mandar Turibio Todo ao chão com** ...”, configurando, na percepção dos autores, uma utilização até o presente insuspeitada desta modalidade.

No que tange às demais modalidades, as ocorrências apresentam-se dentro das expectativas, ou seja, relativamente baixas. As omissões registradas (0,65% no caso do norueguês e 0,35% no caso do francês) não parecem ser de molde a gerar graves perdas na recepção. Considere-se, por exemplo, a seguinte

ocorrência, no conto *A Hora e Vez de Augusto Matraga* e sua tradução para o francês:

Mas o leiloeiro ficara na barraca, comendo amêndoas  
**de cartucho** e ...

*Mais le crieur était resté sous la tente, à manger des amandes et...*

As ocorrências de transcrição são praticamente irrelevantes (0,1% do total), constituindo casos puramente fortuitos, pela referência, em um dos contos (*Duelo*), a nomes de marcas estrangeiras de armas de fogo. Já os decalques são um pouco mais contraditórios no francês (no norueguês, a modalidade apresenta uma única ocorrência), por uma tendência já tradicional na prática tradutória francesa de buscar um resgate da sonoridade de termos emprestados através de uma ligeira adequação grafológica, como em **Papagaio** – *Papagaïo*; **Urucúia** – *Ouroucouïa*; **Badu** – *Badou*; **ingassú** – *ingassou*; **maitacas** – *maïtacas*.

A modalidade erro também tem uma frequência pouco significativa. Na tradução francesa, verificam-se apenas 3 ocorrências, uma das quais – *once* por *onça* – embora referencialmente inadequada, apareça, em outra tradução de texto de Guimarães Rosa pelo mesmo tradutor, justificada como segue: “escolhemos traduzir o termo genérico *onça*, onipresente no texto, por *once*, sacrificando a exatidão zoológica em proveito da feminização do animal nas relações sensuais com o homem”<sup>12</sup>. Na tradução norueguesa, a ocorrência de erro é um pouco mais elevada (atingindo 0,5% da amostragem), novamente, porém, incidindo sobre questões referenciais menos centrais, como no seguinte trecho em *Traços Biográficos de Lalino Salãthiel ou a Volta do Marido Pródigo*:

Seu Benigno andou por lá **embromando** o povo,  
*Senhor Benigno har vært der og smurt folk,*

<sup>12</sup> Tradução de *Meu tio iauaretê*, in ROSA, J. G. *Mon oncle le jaguar*. Tradução de Jacques Thiériot. Paris, Albin Michel, 1998. (Domaine Étranger).

em que a noção de *enganar com belas palavras* é substituída pelo conceito de *pagar propina*, subsistindo, genericamente, uma intersecção com “desviar do ‘bom’ caminho”. Novamente, no levantamento efetuado, são ocorrências não apenas quantitativamente reduzidas; nas situações em que ocorrem, nos termos sobre os quais os erros incidem, não se observa a geração de “efeitos em cascata” que pudessem gerar problemas mais graves para a apreensão do texto nos respectivos espaços de recepção.

### **Considerações finais e desdobramentos**

O presente texto tem o propósito duplo de apresentar um projeto de pesquisa e de compartilhar alguns primeiros resultados de sua etapa inicial de análise e tratamento dos dados.

O projeto, como ficou indicado, tem por horizonte verificar a “fortuna tradutológica” da literatura brasileira traduzida, parte essencial, em perspectiva maior, de uma avaliação da fortuna crítica propriamente dita desta mesma literatura em suas diversas traduções para os mais variados espaços de recepção cultural. Mais especificamente, busca-se determinar – em um interesse simultaneamente lingüístico, literário e antropológico (comumente identificado com a recente área interdisciplinar de Estudos Interculturais) – o tratamento específico dado pelos tradutores às marcas lingüísticas das especificidades culturais, e, se possível, detectar tendências dominantes e buscar as possíveis explicações para as preferências observadas. Em uma de suas vertentes, o projeto visa a verificar em que medida a variável “relação hegemônica/não hegemônica”, presente em qualquer situação de interação intercultural, se manifesta ou deixa traços identificáveis na tessitura dos textos traduzidos e nas opções lexicais, morfossintáticas, semânticas e/ou pragmáticas feitas por seus tradutores.

O estudo aqui apresentado representa, neste quadro, um primeiro passo, de natureza preliminar, em que sobressaem as conclusões mais estritamente lingüísticas.

Constata-se uma confirmação apenas parcial das expectativas iniciais. Claramente, a distância tipológica maior entre o

português e o norueguês do que entre o português e o francês confirma-se pela ocorrência de 50% de *traduções literais* na relação português/francês, contra apenas 29% no caso da relação português/norueguês.

Já no caso da *modulação*, este procedimento apresentou uma ocorrência bem superior à expectativa, em faixa muito próxima à da transposição, tanto na tradução francesa quanto na norueguesa, o que sugere a necessidade de uma investigação qualitativa mais aprofundada. Com efeito, a elevada ocorrência de modulações pode indicar um esforço deliberado por parte dos tradutores de conferir às traduções uma tipologia textual literária, ou, ainda, uma busca de formas alternativas de lidar com a diversidade cultural, que comumente implica um índice mais elevado de ocorrências de empréstimos, adaptações e, subsidiariamente, de explicitações (Correa, 1998, Aubert, 2003). Subjacente a ambas as alternativas de explicação estaria, ainda, a assunção pelos tradutores de uma postura mais autônoma no traduzir, sem que se possa, nesta etapa, atribuir tal autonomia a um fator específico.

Efetivamente, as ocorrências de explicitações, empréstimos e adaptações verificadas nas traduções de *Sagarana* para o francês e o norueguês apresentam algumas características não diretamente correlacionáveis com a forte presença de marcas culturais. Justificam-se, assim, desde já, ao menos três desdobramentos da pesquisa ora relatada: (1) um confronto com a tradução de outro texto da literatura brasileira, nas mesmas direções tradutórias, para verificar se os dados observados no presente levantamento confirmam uma tendência ou refletem uma situação idiossincrática; (2) uma observação específica voltada para os marcadores lingüísticos das especificidades culturais, que pode proporcionar resultados diversos e, em especial, permitir uma melhor avaliação do papel das diversas modalidades na reescrita de tais marcadores; e (3) para além da dimensão frástica e sub-frástica, que constituiu o foco principal deste trabalho, acrescer uma dimensão textual, que, em etapas subsequentes do presente projeto, será desenvolvida com base na teoria lingüístico-enunciativa de Antoine Culioli (vide Culioli, 2000, e Zavaglia, 2002).

**Referências bibliográficas**

- AUBERT, F. H. (1998) Modalidades de tradução: teoria e resultados. *TradTerm* 5(1). São Paulo, CITRAT/FFLCH/USP.
- \_\_\_\_\_. (2003) As variedades de empréstimos. *D.E.L.T.A.* São Paulo, PUC-SP (no prelo).
- CAMARGO, D. C. (1993) *As modalidades tradutórias e a tipologia textual: uma via de abordagem para uma tipologia da tradução interlingual*. Tese de doutorado. São Paulo, FFLCH/USP.
- CORRÊA, R. H. M. A. (1998) *Barreiras culturais da tradução*. Tese de doutorado. São Paulo, FFLCH/USP.
- CULIOLI, A. (2000) *Pour une linguistique de l'énonciation: opérations et représentations*. 2 ed. rev. Paris, Ophrys, v. 1.
- FARIA, G. (1988) *A presença de Oscar Wilde na «Belle Époque» literária brasileira*. São Paulo, Pannartz.
- FREGONEZI, D. E. (1984) *A tradução: uma abordagem lingüística*. Tese de doutorado. Araraquara, UNESP.
- GEHRING, S. T. (1996) *As modalidades de tradução inglês→português: correlações bidirecionais*. Tese de doutorado. São Paulo, FFLCH/USP.
- NIDA, E. (1945) Linguistics and ethnology in translation problems. *Word* 1(2), p. 194-208.
- SILVA, M. G. G. V. (1992) *As modalidades de tradução aplicadas ao conto 'O cobrador': um estudo comparativo*. Dissertação de mestrado. São Paulo, FFLCH/USP.
- VENUTI, L. (1995) *The translator's invisibility*. Londres, Routledge.
- VINAY, J. P.; DARBELNET, J. (1958/1977) *Stylistique comparée du français et de l'anglais*. Paris, Didier.
- ZANOTTO, P. (1993) *Tipos de texto e modalidades de tradução*. Tese de doutorado. São Paulo, FFLCH/USP.
- ZAVAGLIA, A. (2002) *Da invariância da linguagem à variância das línguas: contribuição para a elaboração de uma teoria enunciativa da tradução como um caso particular de paráfrase*. Tese de doutorado. Araraquara, UNESP.